



Notas sobre a nuvem de gafanhotos de escritas:

informação, história e poder

Leopoldo Guilherme Pio

Sociólogo, doutor em Ciências Sociais e professor adjunto da UNIRIO.

Resumo

O presente texto propõe refletir sobre o regime de informação contemporâneo e a produção de novos modos de percepção, de afetação e de existir subjetivamente. Considerando a diferença entre “narração” e “informação”, como proposta por Walter Benjamin, compreende-se nova configuração da comunicação na contemporaneidade, que se manifesta a partir do choque, do impacto e do apelo; uma produção acelerada de informação que nos invade e nos interpela à sua onipresença, tal qual uma nuvem de escritas cada vez mais densa. Na chamada era da “pós-verdade”, um fato objetivo importa menos do que o impacto emocional, e há uma tendência cada vez maior de que a comunicação seja personalizada para receptores específicos. Nesse contexto, a relação entre memória e história é ressignificada: a narrativa de fatos históricos é cada vez mais reescrita de modo a invisibilizar os conflitos e tensões inerentes à história e a transformar o passado em um acúmulo de ruínas.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Regime de informação; Ideologia; Poder; Desinformação.

Abstract

The present text proposes to reflect on the contemporary information regime and the production of new modes of perception, affectation and subjectivity. Considering the difference between “narration” and “information”, as proposed by Walter Benjamin, we understand the new configuration of communication in contemporary times, which manifests itself through the shock, impact and appeal; an accelerated production of information that invades us and propels us into its omnipresence, like a locust swarms of print increasingly dense. In the so-called “post-truth” era, objective fact matters less than emotional impact, and there is an increasing tendency for communication to be personalized for specific receivers. In this context, the relationship between memory and history is resignified: the narrative of historical facts is increasingly rewritten so as to invisibilize the conflicts and tensions inherent in history and to transform the past into an accumulation of ruins.

Keywords: Walter Benjamin; Information regime; Ideology; Power; Disinformation.

1

Em *Rua de mão única*, a própria linguagem da cidade e de seus moradores é utilizada no título de cada fragmento (“Fechado para reforma”, “Primeiros socorro técnicos”, “Alerta de incêndio”, “Monumento ao guerreiro”). Benjamin ressignifica os textos presentes no cotidiano das metrópoles (as manchetes de jornais, os cartazes, os outdoors), geralmente percebidos distraidamente, para introduzir uma leitura à contrapelo da modernidade. No caso do fragmento citado, poderíamos perguntar qual seria a função ou autoridade de um “guarda-livros juramentado” em uma era em que as escritas deixam de ser um monopólio dos livros.

2

O conceito designa um modo de produção informacional dominante em uma formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de seu processamento preservação e distribuição. Portanto, um “regime de informação” constituiria um conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais, nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores (GÓMEZ, 2002, p. 34). Simultaneamente, o conceito remete à distribuição do poder entre atores e agências organizacionais, setores de atividades, áreas do conhecimento, regiões locais e redes internacionais e globais, seja pela construção de zonas e recursos de visibilidade informacional, seja pela sonegação e/ou substituição de informações.

I

“Nuvem de gafanhoto de escritas”: a frase retirada do fragmento “Guarda-livros juramentado”, de *Rua de Mão Única* (ou *Contramão*) me acompanha desde as primeiras leituras de Walter Benjamin. Ela serve, nas presentes notas de estudo, para inspirar uma reflexão a respeito dos conceitos de informação e experiência, considerando as especificidades da cultura e da política contemporâneas.

Rua de Mão Única é um “livro-oficina” do fisiognomista da cidade moderna, cidade esta apresentada como uma escrita e uma constelação de novas experiências (culturais, econômicas, tecnológicas, políticas).¹ Na citação em particular, Benjamin sinaliza a maneira pela qual tais experiências são produzidas e transmitidas na Modernidade:

[...] antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre seus olhos um tão denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já obscurecem o céu do pretensão espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano seguinte (Benjamin, 1987, p. 28).

Se há séculos a escrita “havia gradualmente começado a deitar-se [...] para afinal acalmar-se na impressão”, aos poucos ela passa a erguer-se das folhas, das paredes e mesmo das telas, tornando-se cada vez mais fluida e pulverizada nas redes virtuais e em nossas (in) consciências. O impacto da imprensa moderna, a relativização da hegemonia do livro nas suas formas tradicionais, a mudança de sentido dos bens e instituições culturais, a ressignificação da crítica diante do discurso publicitário são abordados por Benjamin, no sentido de compreender uma nova configuração cultural. Suas alegorias podem ser retomadas para compreendermos a nuvem de informações que nos invadem na contemporaneidade e que impregnam nossas percepções: notícias, dados, *selfies*, *stories*, *reacts*, memes, *emojis*, assim como outras formas de expressão social.

O *regime de informação*² contemporâneo (ou seja, o modo de produção informacional dominante) lança novos desafios filosóficos e políticos, em um contexto caracterizado pela disseminação de fake news e pelo negacionismo histórico. A rua em *contramão* de Benjamin pode nos guiar, da intensa produção de mensagens até os usos ideológicos de cultura informacional, dos rastros digitais pulverizados na “nuvem” até as distorções históricas intencionalmente produzidas por tendências culturais neofascistas.

II

O choque que vivenciamos, o tédio que pressentimos, as contemplações desatentas que praticamos: sinais de novos modos de perceber, afetar, ser afetado, aprender e sentir. A percepção cada vez mais entrecortada pelo tempo acelerado e pela onipresença dos bens culturais e de consumo é abordada por Benjamin no fragmento “Estas áreas são para alugar”:

O olhar mais essencial hoje, olhar mercantil que penetra no coração das coisas, chama-se propaganda. Ela desmantela o livro espaço de jogo da contemplação e desloca as coisas para tão perigosamente perto da nossa cara quanto, da tela do cinema, um automóvel [...] vibra em nossa direção (Benjamin, 1987, p. 54-55).

Da mesma forma que o cinema e o discurso publicitário produziram uma sensação de proximidade teimosa e brusca (desestruturando o papel tradicional da crítica e da literatura), hoje o celular e as redes sociais fazem surgir uma nova sensibilidade cultural. Estes dispositivos relocalizam o “próximo” e o “distante”, produzindo novas subjetividades e (des)afetos. O celular, talvez a tecnologia mais íntima e invasiva já criada, permite o aumento exponencial da captura de informação pelo usuário, ao mesmo tempo em que aumenta o desejo do mesmo em reagir, produzindo mensagens de forma intempestiva. O reposicionamento da cultura material tradicional, representada especialmente pelo livro enquanto objeto, exige uma outra pedagogia, para além do interesse pela leitura. A sociedade em rede dispõe a informação em um novo patamar, pois as tecnologias contemporâneas se utilizam de linguagens “visuaudiomotoras”³ que vão além dos códigos unissensoriais ou bissensoriais da escrita, do rádio ou da televisão.

No caminho aberto por Benjamin, Jonathan Crary aponta os dilemas contemporâneos criados por essa realidade perceptiva:

[...] o que antes pode ter sido chamado devaneio hoje costuma acontecer de acordo com ritmos, imagens, velocidades e circuitos pré-fixados que reforçam a irrelevância e o abandono do que não é compatível com tais formatos [...] resta a pergunta em que medida os modos criativos de transe, desatenção devaneio e fixação podem florescer nos interstícios desses circuitos? É particularmente importante determinar quais possibilidades criativas podem ser geradas em meio às novas formas tecnológicas do tédio (Crary, 2013, p. 104).

Neste trânsito entre o tédio e a euforia, a distração e a catarse, como obter experiências criativas, críticas, transformadoras? É preciso entender o caminho que une a superfície porosa de papel em que podemos deixar rastros e as lisas superfícies digitais.

3

Ver a esse respeito Vinicius Pereira, *Linguagens midiáticas, entretenimento e multissensorialidade na cultura digital*. In: Fátima Regis *et al. Tecnologias de comunicação e cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

III

Ao propor a diferença entre “narração” e “informação”, Benjamin sinaliza uma mudança no modo de transmissão dos valores culturais e nas experiências sociais. Com a reconfiguração do espaço público e o surgimento de novas mídias, a ideia de narrativa (essa linguagem feita do encadeamento temporal de experiências compartilhadas) é ressignificada. As narrativas tomam sua energia das experiências, no sentido pleno da palavra (*erfahrung*). No texto “O narrador”, Benjamin afirma que na lógica da narração, o acontecimento se integra à vida de quem narra, enquanto na informação o acontecimento é simplesmente transmitido. Ao contrário da informação jornalística e do romance, na narração oral há um entrelaçamento entre experiências a partir do qual podem surgir conselhos, produtos transmissíveis da experiência humana:

Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história [...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um sintoma de decadência ou uma característica Moderna. Na realidade esse processo que expulsa gradualmente a narrativa das esferas do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo tem se desenvolvido concomitantemente com toda a evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 1985, p. 107).

Não se deve entender tal transformação de modo superficial, apenas do ponto de vista do consumo e das diferenças comportamentais entre gerações. Esse desencontro é apenas um reflexo de um panorama político mais profundo, em que a relação entre informação, tradição cultural e experiência se reconfigurou radicalmente. Assim, o que muitos percebem equivocadamente como uma nostalgia de Benjamin se trata na verdade de uma atenção às novas dinâmicas de percepção e comunicação.

A era do “dataísmo” parece confirmar que o “conselho” foi substituído em diversos contextos sociais por discursos reativos e opiniões imediatistas. Afinal, “dados e números são aditivos, não narrativos” (Han, 2018, p. 82). Não é mera coincidência que o mesmo vício apontada por Chul Han seja encontrado nas tendências historicistas criticadas por Benjamin nas teses *Sobre o conceito de história* e *Passagens*, como veremos a seguir. A hipercomunicação muitas vezes impede a avaliação crítica do passado e de suas representações. Trata-se, portanto, de um contexto conveniente para a formação de

4

Vale lembrar que a sociedade contemporânea é aquela em que o regime de informação caracteriza e condiciona todos os outros regimes: sociais, econômicos, culturais, estatais, ou das comunidades (Gómez, 2002). Sobre o uso de algoritmos, ver Arthur Coelho Bezerra, Vigilância e cultura algorítmica no novo regime de mediação da informação, *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 22, n. 4, p. 68-81, out./dez. 2017; e Mendonça, Fabrino Mendonça *et al.* Algoritmos controlam sociedade e tomam decisões de vida ou morte, *Folha de São Paulo*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/04/algoritmos-controlam-sociedade-e-tomam-decisoes-de-vida-ou-morte.shtml>>

5

Refiro-me à diferença entre a produção de informações falsas (*misinformation*), a desinformação (*desinformation*) e a informação maliciosa (*mal-information*). Ver a esse respeito o artigo de Alexandre Veronese e Gabriel Fonseca, Desinformação, fake news e mercado único digital- a potencial convergência das políticas públicas da União Europeia com os Estados Unidos para a melhoria dos conteúdos comunicacionais. *Cadernos Adenauer - Fake News e as eleições*, n. 4, 2018.

6

Assim como os memes têm desempenhado função política nos últimos anos, não se deve desconsiderar os usos políticos dos reacts. É possível que candidatos a cargos políticos se utilizem cada vez mais desse recurso para questionar os vídeos de rivais. Assim, esta forma reativa de fazer política tenderia a substituir, ao menos parcialmente, a importância dos tradicionais debates em “tempo real”.

opiniões mal informadas e polêmicas fabricadas. O uso dos algoritmos e a personalização de filtros de busca produzem experiências altamente privatizadas. Contribuem para a formação de câmaras de eco, contrárias às diferenças de pensamento e à construção coletiva de conhecimento.⁴

Muitas vezes, a produção de informação nas redes virtuais contemporâneas evoca atitudes cada vez à construção coletiva de conhecimento e mais abertas ao caráter episódico das postagens virtuais. A chamada era da “pós-verdade” (contexto no qual o fato objetivo tem menos importância na formação da opinião pública do que as crenças pessoais) reflete o momento em que o efeito imediato das experiências de choque (*erlebniss*), mais do que produzido, é desejado.

IV

“Experiência” é uma categoria central na filosofia da história de Benjamin, bem como em sua teoria das mídias. O declínio da experiência (*erfahrung*), que demanda tempo de elaboração e fruição e a supervalorização das experiências de choque se encontra em uma nova fase, talvez mais radical. Sua intensidade é perceptível em diversas dimensões: na saturação de dados que gera tanto um produtivismo dos sentidos quanto uma fadiga da percepção; na hiperatividade que orienta nossa vivência cotidiana; nas novas enfermidades consequentes da hiperestimulação e hipercomunicação constantes (infodemia, *burnout*, videodismorfia); nos constantes cancelamentos virtuais; nos impactos psicológicos e sociais da distorção dos fatos históricos e da falsificação da informação, nas suas diversas formas.⁵

Alguns exemplos da percepção fugaz dos conteúdos informacionais e das interações sociais podem ser destacadas. Seja nos diálogos presenciais ou nas trocas virtuais, o olhar mais atento e a escuta do outro tornam-se problemáticos no contexto apresentado. Nada mais trabalhoso do que construir empatia em um diálogo virtual, pois a empatia depende de uma experiência que se desdobra no tempo, e de uma disposição de não ser dono das próprias palavras. A valorização das reações imediatas (pela interrupção da fala do outro, ou pelo *like*) é também sinal de uma cultura que valoriza as experiências de choque. E mesmo os diálogos presenciais estão impregnados por essa estética do choque. Da mesma forma, a preferência crescente pela velocidade e efemeridade dos stories (em contrapartida à relativa permanência das postagens convencionais) e por atos performáticos como os *reacts* e *unboxings* presentes no Youtube sinalizam a valorização de experiências marcantes e superficiais, em uma sucessão de fatos sem variações narrativas significativas. Vídeos e imagens desse tipo falam de uma vivência pretensamente extraordinária, singular e transitória: choque e catarse.⁶

7

Entre as playlists do Spotify encontram-se “bateu saudade”, “tenha um bom dia”, “pulando da cama”, “life sucks”, “friozinho”, entre outras. Existem poucas referências a gêneros musicais (“energy booster: pop” ou “bossa nova covers”). O mesmo ocorre com caracterização das narrativas cinematográficas no Netflix, traduzidas igualmente em estados emocionais (“de roer as unhas”, “aqui tudo é possível”, “empolgante”).

Outro sinal contemporâneo desse processo é a ressignificação das categorias definidoras dos gêneros musicais ou cinematográficos. Dos gêneros musicais com fronteiras relativamente definidas (rock, jazz, hard rock), passamos nas últimas décadas ao uso simultâneo de rótulos que designam temporalidades ou estados emocionais (pós-punk, new wave e mais recentemente, pós-rock ou wavedark). O Spotify organiza seu repertório a partir de sensações como alegria, tristeza, preocupação, concentração entre outros.⁷ Tais aplicativos configuram uma espécie de mapa da experiência imediata do usuário, do ponto de vista psíquico e emocional, mais do que suas preferências e gostos acumulados e rememorados socialmente. Através da formação do *big data*, articula-se a biopolítica moderna e uma psicopolítica que permite traçar perfis e prever tendências emocionais. Forma-se o que Byung Chul Han denominou de “psicograma” individual e coletivo, que vai além de levantamentos estatísticos e outras formas de análise e controle típicos da sociedade disciplinar (Han, 2018, p. 35-36). Nesse contexto, as relações entre memória e história são superficializadas, pois as experiências culturais comunitárias e a memória coletiva (representadas por categorias musicais ou gêneros cinematográficos) são frequentemente desqualificadas.

A ênfase nas vivências privatizadas, na valorização de atitudes “multitarefa” e no culto à performance é sinal da conexão entre a experiência de choque e a subjetividade neoliberal. Tal contexto define o campo de atuação do “Capitalismo neoliberal dos afetos”, que tem influenciado modos de consumo e produção cultural, bem como a organização da esfera política através de um “Irracionalismo de conveniência” (Silva, 2022). É necessário compreender tal estado de exceção: a estupidez recalcada como ignorância na política. A escuta coisificada nas mídias sociais. As redes e os aplicativos modelando emoções imediatas: afetos, ódios e ciúmes. O historicismo de cunho progressista nutrindo o negacionismo histórico e o processo contemporâneo de desinformação.

V

Sob uma nuvem de gafanhotos de escritas, filosofia da história e teoria crítica da informação devem ser pensadas dialeticamente. Ao refletir sobre o desenvolvimento da indústria da mídia, Benjamin indica pistas para a compreensão do papel da imagem como referência elementar da historiografia materialista, que se opõe a perspectiva historicista, valorizada pela cultura burguesa. A consciência que Benjamin tem do impacto da mídia sobre a cognição humana é crucial para a formulação do argumento de que o objeto da história em geral (particularmente, na era da comunicação de “massa”) se converte em imagens arcaicas, sem vinculação com o “agora”. Em *Passagens*, Benjamin propõe a distinção entre imagens arcaicas e imagens dialéticas:

Enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética - não de natureza temporal, mas imagética. Somente as imagens dialéticas são autenticamente históricas, isto é, imagens não arcaicas (Benjamin, 2018, p. 768).

O olhar dialético nos permite perceber a existência de um índice misterioso que o passado traz consigo e nos impele a redenção e à luta por um passado oprimido. Este índice é negado pela política reacionária e negacionista vigente. Mais do que mero revisionismo, tal negacionismo quer refazer uma imagem eterna do passado viabilizada por uma estrutura de produção e disseminação de informações e imagens. Portanto, ele subentende uma escrita histórica conservadora, na qual simplesmente se adiciona acontecimentos no *continuum* temporal, relacionados através de nexos causais.

A perspectiva historicista pretende escrever (ou restituir) uma história universal e *acabada*, “que recolhe a massa de fatos para preencher um tempo homogêneo e vazio” (Benjamin, 1995, p. 231), e que não se deixa impregnar pelas singularidades e pelas tensões da memória coletiva. Para tal ideologia, expor o silenciamento dos oprimidos é um desvio, uma ameaça. Trata-se de evitar as críticas ao legado exibido pelos vitoriosos. Resgatar a empatia com os vencedores da história é a meta. No tempo esvaziado de sentido e de aspirações humanas, a vida humana passa a ser contada descritivamente e não narrativamente, e o passado só reaparece como um acúmulo de objetos. Ou ruínas.

A cultura reacionária atual acomoda diversas formas do negacionismo (anti ciência, anti intelectualismo, anti ambientalismo), que dependem da execução de um projeto de desinformação e falseamento do tempo histórico. A desinformação é uma estratégia política que estimula o desprezo pelo fatos históricos, documentos e testemunhos, formando um novo modo de amnésia coletiva (Santos, 2021). Os processos de desinformação produzem *regimes de ignorância*⁸ e permitem a naturalização (ou mesmo o mascaramento) de genocídios, etnocídios, ecocídios e *memoricídios*. O negacionismo histórico é basicamente uma forma de memoricídio.

A ofensiva reacionária contemporânea reflete uma visão que nega o tempo histórico⁹ e a possibilidade de redenção dos sofrimentos dos oprimidos no passado. O resultado é a ausência de autoconsciência histórica. Como lembra Marcuse, em *O homem unidimensional*, a ordem estabelecida parece apreensiva com os conteúdos subversivos da memória, pois esta “recorda o terror e a esperança passados” (Marcuse, 1968, p. 104). Nesta obra, acredito que Marcuse tenha se inspirado em Benjamin ao abordar a fetichização da memória e do tempo na sociedade burguesa.¹⁰ Esta tende a liquidar, como uma “pausa irracional”, os elementos perturbadores do tempo e da me-

8

O termo tem sido utilizado especialmente por pesquisadores da área da Ciência da informação, para demonstrar o caráter estratégico e complexo da produção da ignorância como plataforma política.

9

Cabe lembrar as diversas tentativas do Governo Federal de controlar ou desqualificar instituições e categorias profissionais responsáveis pela interpretação e preservação crítica da história, em especial o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A desqualificação sistemática da importância de figuras históricas representativas das minorias, como Zumbi dos Palmares ou a intenção de impedir o reconhecimento legal da profissão de historiador (alegando impedimento do livre exercício profissional e à livre expressão da atividade intelectual) são alguns dos possíveis exemplos.

10

Não implica dizer que a história desapareça de tais discursos reacionários, muito pelo contrário. Na realidade, ela se torna mera invocação ou evocação ritualizada e fetichizada, de modo a bloquear o próprio desenvolvimento do conteúdo a ser recordado, o que demonstra sua impropriedade (Marcuse 1964, p. 104). A influência de Benjamin no ponto abordado é sutil se comparada a influência de Adorno, especialmente o seu artigo *Como elaborar o passado*, em que o filósofo (baseando-se nas teorias da racionalidade de Max Weber e Werner Sombart), afirma que ideologia burguesa líquida tempo, memória, e recordação como resquícios irracionais do passado. Foge ao escopo desse pequeno ensaio (e às minhas habilidades) discutir o rico debate entre Benjamin e Adorno no que diz respeito às ideias de memória e esquecimento no contexto da cultura capitalista. Entretanto, acredito que as reflexões desses autores, nas suas semelhanças e diferenças, devem ser os fundamentos para a construção de uma teoria crítica do negacionismo histórico contemporâneo. Cabe lembrar um das citações mais famosas do artigo citado: “O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça. Certa feita, num debate científico, escrevi que em casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento. Porém a tendência de relacionar a recusa da culpa, seja ela inconsciente ou nem tão inconsciente assim, de maneira tão absurda com a ideia da elaboração do passado, é motivo suficiente para provocar considerações relativas a um plano que ainda hoje provoca tanto horror que vacilamos até em nomeá-lo. O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo [O nazismo e o fascismo] (Adorno, 2012, p. 29).

mória, o que evoca a crítica ao historicismo proposta por Benjamin. E vale lembrar que Marcuse termina o livro citado com o axioma de Benjamin (retirado de *As afinidades eletivas de Goethe*): “Somente em nome dos desesperançados nos é dada a esperança”.

VI

“A historiografia que mostrou como as coisas efetivamente aconteceram, foi o narcótico mais poderoso do século” (Benjamin, 2018, p. 769). Esse narcótico foi revitalizado e repaginado pelas tendências fascistas contemporâneas. Sob a aparente simplicidade dos discursos reacionários, repousa um complexo planejamento de ações e discursos.

As *fake news* são recursos centrais nessa estratégia. Seu efeito depende da desconfiança nas instituições (políticas ou científicas) e pela minimização das fronteiras entre “fatos”, “opiniões” e “testemunhos”. É possível detectar no processo de sua fabricação os movimentos que se aproveitam das instituições e da autoridade dos sistemas peritos através da replicação da credibilidade do discurso jornalístico ou científico (produzindo falsas equivalências) e igualmente a disposição de desprezar totalmente tais sistemas, produzindo uma desinformação através de testemunhais falsos.

A opinião pública é facilmente apropriada pelo empreendedorismo neoliberal e pelo culto à violência de cunho fascista. Entretanto, este controle ideológico dos afetos não é novidade. Em sua crítica à propaganda nazista, Hannah Arendt propõe uma compreensão igualmente apropriada ao comportamento reacionário contemporâneo:

Num mundo incompreensível e em perpétua mudança, as massas haviam chegado a um ponto em que, ao mesmo tempo, acreditavam em tudo e em nada, julgavam que tudo era possível e nada era verdadeiro. [...] os líderes totalitários basearam sua propaganda no pressuposto ideológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável de sua verdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa e admirariam os líderes pela grande esperteza tática (Arendt, 2013, p. 432).

Sem dúvida, Arendt sinaliza um bom ponto de partida para compreendermos os “terraplanismos” contemporâneos. Se vivenciamos uma psicopolítica reacionária mediada pela desinformação, não é de se estranhar que atitudes fascistas passem por um processo

de normalização. Sintomaticamente, Benjamin inicia o texto sobre a reprodutibilidade técnica destacando a necessidade de não se utilizar de termos que pudessem ser facilmente apropriáveis pelo fascismo. Hoje o desafio imposto pelos usos políticos da desinformação invoca a apropriação e colonização de termos como “liberdade de expressão” e “direito à opinião” por movimentos reacionários.

A ideologia da desinformação contemporânea pode ser vista como uma nova “apoteose fascista da guerra”. As imagens, replicadas velozmente, propagam uma cultura de medo da violência, do ódio, entre outras formas de expressão. Com o apoio da tecnologia, disseminam comportamentos sociais desagregadores, e refletem a dimensão de barbárie da cultura. A estética da guerra virtual continua a evocar uma autoalienação que permite à humanidade “viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem” (Benjamin, 1995, p. 196). Seus “usuários” a consideram bela, assim como os futuristas. Em vez de usinas energéticas, as guerras virtuais contemporâneas mobilizam energias humanas sobre a forma de bolhas virtuais, campanhas difamatórias (*shit storm*) e vingança. Nestas guerras culturais, as forças reacionárias encontraram novas formas de diminuir a possibilidade de abordar criticamente nossas experiências históricas. Por isso, precisamos nos sentir assombrados pela desinformação, e evitar conteúdos produzidos com essa intenção sejam apagados. É necessário organizar museus e arquivos da pós-verdade, não apenas para denunciar o falseamento da história mas para registrar o que fica silenciado ou mascarado pela desinformação estratégica.

VII

Na era da saturação de informações e do negacionismo histórico e científico, é preciso lembrar a resposta de Benjamin (2018, p. 781) em carta a Horkheimer:

A História não é apenas uma ciência mas igualmente uma forma de rememoração. O que a ciência “estabeleceu” pode ser modificada pela rememoração. Esta pode transformar o inacabado (a felicidade) em algo acabado e o acabado (o sofrimento) em algo inacabado.

Só assim é possível compreender as condições de produção de conteúdos informativos e outras narrativas contemporâneas, bem como os processos intencionais de desinformação produzidos frequentemente por vertentes conservadoras ou reacionárias da sociedade – tarefa fundamental no momento em que um projeto alienante de cunho fascista tende a mascarar e naturalizar as diferenças entre autoritarismo e liberdade de expressão, bem como as tensões entre verdade e “pós-verdade”.

O dom de “despertar as centelhas da esperança no passado”, “arrancar a tradição ao conformismo que quer se apoderar dela”, e “deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos” implica em não deixarmos que a tempestade do progresso incapacite nosso olhar crítico sobre o passado.

É preciso converter as tristezas do presente em potência.

Assim, talvez, a nuvem de escritas que respiramos não se tornarão um obstáculo para o despertar das “centelhas da esperança”. Afinal, mesmo esse texto não deixa de fazer parte desse esforço, como uma nuvem de anotações agregadas na forma de ensaio.

Referências:

- Adorno, Theodor W. O que significa elaborar o passado. In: Adorno, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- Arendt, Hannah. *As Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2013.
- Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Benjamin, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.
- Chul Han, Byung. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.
- Crary, Jonathan. *As suspensões da percepção*. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 2013.
- Marcuse, Hebert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- Gomez, Manuel N. G. de. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência Da Informação*, 31(1), 2002. <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v31i1.975>
- Miskolci, Richard. *Batalhas morais: Política identitária na esfera pública técnico-midiatizada*. Belo Horizonte: Autentica, 2021.
- Racy, Gustavo. *Walter Benjamin está morto*. São Paulo: Sobinfluência editores, 2020.
- Santaella, Lúcia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo: Estação das letras e das cores, 2019.
- Silva, Sérgio Luiz Pereira da. *A massificação da desinformação e a precarização da consciência social: fake news, pós-verdade e a política dos afetos*, 2022. Cópia reprográfica.